

Literatura e pós-modernidade: Os clássicos em crise na sociedade de consumo

Edinaldo Enoque Silva Junior*
Paulino Eidt**

Resumo

Sob a égide da teoria sociológica pós-moderna e da sociedade de consumo este ensaio visou discutir as transformações da atual sociedade. Pelo viés da produção literária, buscou-se compreender os processos de obtenção de informação e conhecimento do indivíduo contemporâneo e entender o papel dos clássicos nessa construção. Discute a necessidade da manutenção das obras literárias clássicas como fonte de amadurecimento e autonomia e o papel muitas vezes negativo da atual produção literária que inibe indiretamente a construção de uma intelectualidade positiva e questionadora que estão sujeitos muitos dos consumidores desses meios de informação.

Palavras-chave: Literatura clássica. Sociedade de consumo. Pós-modernidade.

1 INTRODUÇÃO

Estamos passando por transformações. O mundo muda, muda numa velocidade constante e assustadora. A iminência de um novo paradigma que sustentará as relações inter e intra-humana já estão lançados, lançados no sentido de destituir os paradigmas passados; suas bases vindouras, entretanto, permanecem uma incógnita. As idéias de verdade e os grandes discursos se findam. O que vem agora? O que nos espera no fim do túnel?

Não há motivos para alarmismos catastróficos como bem assinalam alguns autores; outros por hora, preferem aguardar as transformações sem dar maiores informações e teorizações a respeito. Por conseguinte, alguns assinalam até o fim da história como norteador das práticas humanas calcadas em referenciais passados; o futuro parece andar incerto em velocidade alta e sem conhecer a estrada. Os intelectuais se silenciam, alguns otimistas como Michel Maffesoli (2006) recebe de braços abertos os novos tempos: o tempo das tribos.

Em contraposição, encontramos outro grande teórico, Zygmunt Bauman (2007a) que enxerga nesse novo Zeitgeist (espírito do tempo) algo de caótico e inconcluso. Entre alarmistas e otimistas uma coisa é certa, o crescimento massivo dos intermediários culturais, aqueles que produzem bens de "cultura" e distribuem aos consumidores (todo mundo em potencial) por intermédio dos meios de comunicações, aumenta consideravelmente:

*Mestrando em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; graduado em História, especialista em Ciências Sociais; professor de História no Colégio Jesus Maria José, Rua La Salle, 2570 - SC – 89900-000; edinaldo_historia@yahoo.com.br;

** Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor da Rede Pública de Ensino de Santa Catarina e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; paulino.eidt@unoesc.edu.br

Segundo Bauman (2010b, p. 33):

Se o mundo habitado por consumidores se transformou num grande magazine onde se vende "tudo aquilo de que você precisa e com que pode sonhar", a cultura parece ter se transformado atualmente em mais um de seus departamentos. Como nos outros, suas prateleiras estão lotadas de mercadorias renovadas diariamente, e as caixas estão decoradas com anúncios de novas ofertas destinadas a desaparecer depressa, como as mercadorias que anunciam. Tanto as mercadorias quanto os anúncios publicitários são pensados para suscitar desejos e fisgar vontades, para o impacto máximo da *obsolescência* instantânea. Os comerciantes e publicitários responsáveis confiam no casamento entre poder de sedução das ofertas e o profundo impulso de seus clientes potenciais de "estar sempre um passo à frente dos outros e de levar vantagem".

Entre esses produtos distribuídos pelos intermediários culturais, encontram-se textos, livros, notícias e entretenimento. Consumimos esses produtos muitas vezes não nos dando ao trabalho de questionar veracidade, profundidade e conhecimento de causa das pessoas, meios e programas que nos "informam" ou "deformam". As aspas em demasia é resultado das incertezas contemporâneas, pois como vimos com Maffesoli e Bauman, as posturas divergem em número e grau sobre o que somos ou o que temos.

Efemeridade é um termo usual para caracterizar o novo espírito do tempo. A solidez encontrada nas chamadas grandes narrativas como, por exemplo; marxismo, feminismo, cristianismo, o projeto iluminista de ordem e progresso, crescimento contínuo da humanidade mediante a distribuição igualitária dos resultados provenientes das descobertas científicas não mostram hoje tão promissora como antes.

Entretanto, o que fazer? O mundo gira, a vida urge por respostas a perguntas que não sabemos formular com perícia e eficácia, acontecendo, assim, um paradoxo de perguntas sem respostas, respostas sem perguntas, como se estivéssemos numa caverna platônica onde não vemos, mas falamos e os ecos se confundem entre o que se pergunta e o que se responde.

Muitos acreditam que as mudanças do mundo são boas. Alguns frankfurtianos como Adorno e Horkheimer (2000) não encaram como boas essas transformações, ainda mais quando se trata do conhecimento popular em lugar do erudito.

O pastiche e o *kitsch* assumem grandes contornos. Mozart surge mixado com baterias de escolas de samba, replicas de Van Gogh e Manet são reproduzidas aos borbotões. A aura tão valorizada por esses intelectuais sucumbem à massificação da obra de arte. Que fim levará o artista, o observador e a arte?

Na batida dessa mudança, a literatura sofre, e para muitos, funestas transformações como nos outros campos da arte erudita. A pop-arte chega à estratosfera e decreta à arte erudita, o mesmo fim que Nietzsche fez com Deus, a morte.

Benjamin (2000) vê com bons olhos a massificação da arte. O povo tem, pode e deve ter acesso aos bens simbólicos dos grandes artistas da humanidade, nem que para isso seja mediante uma réplica chinesa. Talvez, por ver um El Greco falsificado, o cidadão comum possa se interessar por arte erudita e se tornar um conhecedor autodidata. O problema para os pensadores contrários ao acesso da plebe à arte erudita é justamente esse autodidatismo, problema esse devido à falta de uma iniciação adequada.

E o que dizer dos livros? Enquanto realmente é difícil ter acesso ao Louvre, ao Prado, Museu britânico entre outros, os livros não perdem tanto assim a sua "aura", mas o que aconteceu com os clássicos? Tendo em mente os conceitos que agregam o chamado pós-modernismo como:

efemeridade, relativismo, liquidez, presentismo, entre outros, como fica os chamados livros clássicos da cultura universal que possuem a ideia de durabilidade, solides e permanência?

Pesquisando na internet podemos encontrar uns cem números de páginas com centenas de livros clássicos, de Homero a Dostoiévski, passando por Goethe e Shakespeare. Mas a pergunta é; quem os acessa? Qual é a quantidade de livros baixados e lidos? Como se dá a relação do indivíduo, tido pós-moderno, com a literatura clássica da cultura universal?

2 LITERATURA CLÁSSICA E COMERCIAL NA SOCIEDADE DE CONSUMO

Quando batizado de literatura universal esses livros tinham em comum o que realmente é universal no homem para a concepção da época, ou seja, os anseios, medos, paixões, ódios, amores eternos, relações humanas religiosas, metafísicas, entre outros.

Embora esses sentimentos dão mostra de continuidade entre a humanidade presente, parece que não são mais tão universais e iguais assim. Logo a ideia pós-moderna que vem romper com tudo que se diz universal rompe também com a ideia de cultura e literatura universal. Em relação aos sentimentos, atualmente, nem tão universais assim. Habermas afirma que a eugenia genética liberal poderá em um brevíssimo período eliminar genes e atribuições genéticas "indesejáveis":

Quando se considera que os *outsiders* da medicina já estão trabalhando em clones reprodutores de organismos humanos, impõem-se a perspectiva de que em pouco tempo a espécie humana talvez possa controlar ela mesma sua evolução biológica. "Protagonistas da evolução ou até "brincar de Deus" são as metáforas para uma autotransformação da espécie, que parece iminente. [...] com a introdução da fertilização artificial, deu-se um passo importante nessa questão e que seria irrealista acreditar que nossa sociedade pudesse, num contexto em que já foram tomadas as decisões relativas ao direito à vida do embrião retroceder ao *status quo ante*. Enquanto prognóstico sociológico isso até pode ser comprovado como verdadeiro. (HABERMAS, 2004, p. 29).

Por ora, resta questionar; os clássicos morreram? Na lista de Best Sellers do The Times, American Post, Revista Veja, por exemplo, entre as revistas especializadas em literatura, não há lugar para os clássicos: receitas culinárias sim. *Como estar-se em forma e comer bem, guia de viagens, guias exotéricos* e romances onde paixões giram entre humanos, vampiros e lobisomens estão no topo.

A instantaneidade do mundo efêmero contemporâneo, a velocidade e escassez de tempo, o *zapping* do controle remoto frenético na mão do indivíduo contemporâneo com pressa, dão mostras de que o tempo preciso e precioso para ler com a devida calma e compenetração que requer um *Fausto* não são mais possíveis. Linguagem simples, frases curtas, sem floreios, sem despertar muito os sentidos e questionamentos são mais procurados:

Mas quem jogar com essas cartas pode estar certo de que perderá tudo quanto possuir; e, quanto à pólvora, ela tem a propriedade de fazer com que o fuzil estoure em seu próprio rosto. (Hugo, 2007, p. 433)

Victor Hugo, num dos clássicos da literatura universal, escreveu esse trecho em um dos diálogos de *Os Miseráveis*, mas ele é significativo e pressagiador se pensarmos na literatura como algo aos cuidados dos intermediários culturais. Parece que há nessas palavras algo de conservador, retrogrado e antiquado inda mais se for lido por um escritor pós-moderno, conhecedor do novo Zeitgeist e dos meios de encantamento simbólico, midiático e econômico, consciente das transformações juvenis e de seus desejos, ou dos desejos que estão imbuídos nas mensagens de consumo, escritores assim rechaçarão a citação improvisada de Hugo alardeando a liberdade de escrita, mas não é para esses a ideia de pólvora e fuzil na cara.

Muito se tem falado de educação ambiental, educação para o trânsito, educação sexual, educação religiosa e educação literária?

Parece um consenso entre educadores que ler não necessariamente está relacionado com aprender. Muitos jovens e adultos *passam o tempo* lendo. Por esse motivo, procurasse mais e mais livros entusiasmantes fáceis e superficiais, diálogos infecundos e enredos pobres, a ideia não é pensar, é entreter.

Entreterendo, se passa tempo, passando tempo um livro é lido. Se um lanche estiver acompanhando a "leitura" estará armado o pão e circo, muito eficaz a Roma Antiga em seus tempos de crise. Mas não estamos em crise, e nem somos escravos dirão muitos. Realmente não, não estamos em crise; nunca tivemos tantos hipertensos, nem diabéticos, nem obesos, nem deprimidos, nem somos escravos do tempo, nem das contas, nem dos anúncios, nem da moda e nem da mídia; não somos escravos nem de nós mesmos, talvez um pouco pelo que os outros pensam de mim. Ai está o resultado do manejão incorreto do fuzil e da pólvora.

A literatura influencia nisso? Títulos do tipo: *Coma* de tudo e não engorde, *Dieta* do abacaxi, *Dieta* da sopa, Dez maneiras de *seduzir* um homem, *Seja feliz* com o seu cachorro, Por que os homens *amam* as mulheres poderosas, *Quem pensa* enriquece, *Só garotos*, *Dicas* de quase tudo, O que toda mulher inteligente *deve fazer*, Tudo o que você *pensa*, *pense* ao contrário, Homens *gostam* de mulheres que gostam de *si mesmo*, *Como* conquistar possas, *Dieta* nota dez, *Dieta* do Abdômen, Dez leis para *ser feliz*, *Não faça* tempestade em copo d'água, *Não acredite* em tudo que você pensa, *Dieta* do corredor, *Faça* da alimentação sua aliada, *Treinando a emoção* para ser feliz, *Como fazer* amigos e *influenciar* pessoas, podem dizer algo?

A literatura parece influenciar muito mesmo. Os títulos são atrativos. Quem não quer ter poder, amor, riqueza, ser magro, feliz e jovem? A presença de verbos e de imperativos é assustador e mostra a grande pressão e influência dos maiores interessados, quais são: autores, intermediários culturais, editoras, mercado, moda, etc. na procura de uma maneira eficiente de vender muito e influenciar sorrateiramente.

Adultos, jovens e velhos inseridos nesse mundo em mutação encontram na literatura comercial (chamei-a assim em alusão a chamada música comercial também muito consumida por sua balada empolgante e letra fácil) entretenimento e não conhecimento, adere aos mandos e desmandos de autores de como se deve fazer as coisas, ser ricos e felizes, magros e comedores de tudo, poderosas e sedutoras.

3 A EDUCAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO CONTEMPORÂNEO

O entretenimento que ficava em revistas, novelas, programas televisivos invadem o mundo dos livros e rompe com o pensamento crítico. A estetização da vida, a imagem e o símbolo acelera o processo de individuação e de superficialidade dos indivíduos consigo mesmo e com os outros. O "eu" fica atordoado com tantas imagens e dicas de como ser e como não ser que a segurança ontológica de que nos fala Giddens (1991, p. 78) fique impraticável:

A segurança ontológica é uma forma, mas uma forma muito importante, de sentimentos de segurança no sentido amplo [...] a expressão se refere à crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes. Uma sensação da fidedignidade de pessoas e coisas, tão central à noção de confiança, é básica nos sentimentos de segurança ontológica; daí os dois serem relacionados psicologicamente de forma íntima.

E continua:

E assim a arte está por toda a parte, uma vez que o artifício jaz no próprio coração da realidade. E assim a arte está morta, não somente por sua transcendência crítica está perdida, mas porque a própria realidade, totalmente impregnada por uma estética inseparável de sua própria estrutura, vem se confundindo com sua própria imagem. (GIDDENS, 1991, p. 79).

Como pensar na Segurança Ontológica assinalada por Giddens se a insegurança está institucionalizada? Como pensar na maioridade e no esclarecimento humano kantiano se insistimos na menoridade? Como pensar num possível *übermensch* nietzschiano se vivemos como rebanho, como pensar em emancipação freiriana se insistimos em copiar?

Como vimos acima, Antony Giddens vê no indivíduo algo a mantê-lo unido consigo mesmo e com o outro. Ele o chama de segurança ontológica e deve ser inculcada e cultivada na criança desde a tenra idade pelos pais e tutores para que o indivíduo depois de adulto possa ter a segurança de si e de relacionar-se com o outro sem perder-se completamente por influências externas perigosas. Essa ideia de identidade ontológica permite, por exemplo, a formação e manutenção da personalidade individual. Entretanto, com a liquefação das identidades, a ideia de seguir as tendências da moda e da temporada faz do homem contemporâneo incapaz de manter qualquer tipo de identidade duradoura.

Segundo Harvey (2000, p. 63):

[...] a mais problemática faceta do pós-modernismo e seus pressupostos psicológicos quanto à personalidade, à motivação e o comportamento. A preocupação com a fragmentação e instabilidade da linguagem e dos discursos leva diretamente, por exemplo, a certa concepção da personalidade. Encapsulada, essa concepção se concentra na esquizofrenia em vez de na alienação e na paranóia. Se a identidade pessoal é forjada por meio de certa unificação temporal do passado e do futuro com o presente que tenho diante de mim os efeitos da pós-modernidade mostra a incapacidade de unificar o passado, o presente e o futuro na formação da nossa experiência bibliográfica.

Para Kant, todo indivíduo tem como característica intrínseca de seu desenvolvimento intelectual a menoridade. Esta é a incapacidade do indivíduo pensar por si só sem a ajuda de outrem, nesse caso, seus tutores. A menoridade deveria ser para Kant, provisória e passageira, pois com o aprofundamento e amadurecimento intelectual, busca por respostas de perguntas individuais, os indivíduos iriam naturalmente buscar sua própria verdade e assim atingir a maioridade, conseqüentemente, o esclarecimento. Mas as coisas não são bem assim. Kant nos explica que sempre haverá aqueles que permanecerão indefinidamente menores por toda a vida. Curiosamente, a produção literária corrobora para a manutenção da menoridade quando lemos títulos agradáveis ensinando a arte da vida e explicando tudo de quase tudo um pouco. Os tutores ou pretendentes a sê-lo não parecem preocupados com o alcance da maioridade, esclarecimento e autonomia, a menoridade rende mais.

Kant apresenta razões individuais e sociais para a perpétua menoridade. No âmbito individual:

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (naturaliter maiorenses), continuem, no entanto de bom grado menores a toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um método que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso de esforçar-me eu mesmo. (KANT, 2008, p. 54).

No âmbito social:

(Os tutores) Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranqüilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual a encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. (*Idem*, p. 55).

Palavras duras. Ora, se na época de Kant (os tutores) seriam o que hoje a pós-modernidade condena como os grandes narradores como a Igreja, a família, a escola, entre outros, perguntamos: Hoje quais são os tutores dos menores? Quem está guiando e controlando as dúvidas dos que não alcançaram a maioridade e o esclarecimento? Será que esses tutores têm a pretensão de tornar maiores seus discípulos? Qual é a vantagem para tanto?

O ciclo se fecha, as respostas parecem claras. Quando líamos os clássicos tínhamos mais perguntas que respostas, hoje os livros, as revistas, as novelas e os produtos dos *mass media* dão mais respostas que perguntas. Tais respostas são massificadas como se não houvesse outra possível.

Como toda mercadoria, essa forma de informação e os meios de acesso à ela tem um produtor que lucra mais, na medida em que é consumida por maior número de fregueses (leitores) que pagam por esse consumo, incluindo os aparelhos receptores (rádio, TV, multimídia, computadores, internet, TV a cabo, livros). Eles tornaram-se bens de uso necessários, até fontes geradoras de informação como as redes de transmissão, os servidores e provedores da internet. Todos vendem uma mercadoria ou um serviço. Tudo é produzido para que, no circuito da comunicação, todos lucrem. As grandes empresas, das telefonias e dos circuitos de telemática, lucram com o aumento do fluxo de informações. A utilização de um impulso elétrico por um período mínimo de tempo gera um pagamento creditado nas contas dos intermediários. Maior quantidade de livros, maiores lucros às editoras, livrarias e escritores. Estabelece-se relações de troca entre proprietários de informações, dos canais, das redes, dos servidores-provedores, dos distribuidores e o proprietário da necessidade dessa comunicação, o consumidor:

As novas tecnologias, entretanto, poderiam diminuir sua importância ao oferecer um avalanche de informações supérfluas e efêmeras, elaboradas apenas para o divertimento e para o consumo imediatos, tirando com isso o espaço para os conhecimentos clássicos, longamente elaborados, no trajeto secular das formações sociais. Conhecimento registrado e transmitido de geração em geração que, embora incompleto e segmentado, encontra-se carregado de vida nas aparentes letras mortas das bibliotecas. (FEATHERSTONE, 1990, p. 101).

A preocupação de Featherstone para o cuidado de não se entreter mais que educar é positivo. As teorias pedagógicas cansam de enunciar: *tem-se que transformar a informação do aluno em conhecimento!* Segundo essa sentença o aluno hoje vem recheado de informação e é de suma importância que o professor ajude a transformar esse aglutinado de informações esparsas e efêmeras em conhecimento. De onde os alunos tiram essas informações? Ou melhor, que tipo de informações esses alunos trazem para a escola em sua maioria? Qual é o meio disponível de informação desses alunos? Afinal como o professor está de conhecimento?

Se o professor também estiver mergulhado no informacionismo será também um informador. O discurso é lindo, mas o professor está na maioridade? Está realmente esclarecido? Quando chega em casa, qual é sua catarse televisiva? Projeta-se no personagem da novela, identifica-se com o ator do filme, os *Olimpianos* como explica Morin (1998)? Vai para a internet saber dos tititis, lê manuais do *deve-se* como diz Nietzsche (2005) ou esclarecesse e "maiorizasse"?

Logo a escola tem um papel enorme sobre suas costas, de educar para a maioria. E os outros tutores do aluno, os pais. O que tem feito? E os modernos tutores, o São Google, como assim chamam os jovens, a internet e os meios de comunicação o que tem oferecido? Eis a questão:

Espera-se que a escola não renuncie a riqueza intelectual do passado por entrar na onda informática, do divertimento e das informações rápidas sem a sedimentação necessária para a geração dos conhecimentos necessários à formação dos cidadãos do mundo, comprometidos com sua democratização e a superação das desigualdades e exclusões que recentes revoluções vêm aprofundando. Nesse sentido, vale a pena velar pela qualidade das informações, pelos registros da produção material e cultural da humanidade, [...] tarefa que exige aproveitamento maximizado dos recursos oferecidos pelas novas tecnologias, mesmo sabendo de suas limitações e das controvérsias geradas em torno de seus desdobramentos na atual sociedade mercadológica e consumista. (GAMBOA, 2001, p 85).

Logo, a escola continua com um cargo enorme sobre seus ombros como provedora de conhecimento, esclarecimento, maioria e autonomia. A dificuldade aumenta quando a própria instituição escolar é desacreditada pela sociedade que a julga incapaz de atender as novas demandas dos alunos. Mas essas "demandas" são eficazes para a melhoria e o contínuo amadurecimento e humanização de jovens e adultos? Será que é possível ainda acreditar numa educação emancipadora e libertadora? E os clássicos será que um dia voltarão para as mãos de leitores ávidos não mais em entreter-se, mas sim em conhecer a cultura universal da arte poética e prosaica dos autores passados? Infelizmente não sabemos. Como vimos temos mais perguntas que respostas.

"O pensar, ato essencial e frágil, não se partilha" enfatiza Michel Schneider (1990). Conforme Arendt (2006, p. 27) "É necessário um juízo comum sobre o que é valioso e digno de ser salvo do esquecimento." Mas, e o que é digno de ser salvo do esquecimento?

Talvez tenhamos que salvar do conjunto das turbulências e das mudanças a ideia de que a crescente razão da ciência e das máquinas pode ocultar as conquistas do passado e, entre elas, a literatura clássica. A exemplo dos clássicos, somos peregrinos na terra e esta vai durar para além da extensão de uma vida humana.

4 CONCLUSÃO

Com os teóricos pós-modernos entendemos que aquilo que norteava a caminhada humana parece não mais interessar profundamente o indivíduo contemporâneo. Ideias de verdade, de solidez e autonomia dão lugar a conceitos mais voláteis como liquidez, efemeridade e inconclusão. Assim os chamados clássicos universais da humanidade que entram indiretamente nas chamadas grandes narrativas pela pós-modernidade tem seu fim decretado. A produção literária tende a seguir as ideias de transformação contínua do ser humano sem a ideia de projeto final, de conclusão e finitude. Receitas do como viver bem, imperativos do dever ser, dever fazer, dever sentir, circula no topo dos títulos mais vendidos no mundo. A informação entra como substituto do conhecimento e a efemeridade dessa informação parecem ser tão passageiros quanto às dietas e amores.

A conclusão do "sujeito sujeitado" pelos intermediadores culturais fica perdida nos floreios superficiais de relacionamentos entre lobisomens e vampiros. Ideias de autonomia, maioria, liberdade, segurança ontológica parecem discursos conservadores e retrógrados frente as mil possibilidades dos homens e mulheres do mundo atual.

A educação continua sendo uma das únicas saídas frente a relativização total do homem, mas por ser humano, o próprio professor fica a mercê das mensagens e linhas sedutoras de livros e programas. Os pais encantados com a possibilidade da eterna juventude e de dietas mirabolantes

claudicam na educação de seus filhos estimulando a eterna menoridade tão clara a Kant. Como vimos, as perguntas são maiores que as respostas, precisamos olhar para fora da caverna com olhares questionares para vislumbrar um possível esclarecimento.

Abstract

Under the aegis of sociological theory and postmodern consumer society that trialaimed to discuss the transformation of present society. The bias of literary production, we sought to understand the processes of obtaining information and knowledge of contemporary individual and understand the role of the classics in this construction. Discusses the need for maintenance of a literary classic as a source of maturity and autonomy and often negative role of the current literature that indirectly inhibits the construction of a positive and inquisitive intellect whoare subject of many consume media. Keywords: Classical literature. Consumer society. Post-modernity.

REFERÊNCIAS

ADORNO, W. Theodor, HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: O iluminismo como mistificação de massa. In: **Teoria da Cultura de Massa**, São Paulo: Paz e terra, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.

_____. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica. In: **Teoria da Cultura de Massa**, São Paulo:Paz e terra, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de massa e pós-modernismo**. São Paulo, 1990.

GAMBOA, Silvio Sanches. A globalização e os desafios da educação no limiar do novo século: um olhar desde a América Latina. In: **Globalização, pós-modernidade e educação**. Caçador: Autores associados, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

HABERMAS, Jurger. **O futuro da natureza humana**: a caminho da eugenia liberal. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2000.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

KANT, Immanuel **Resposta à pergunta**: Que é Esclarecimento? In: Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. v. 1.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

REVISTA EDUCAÇÃO: **Hannah Arendt pensa a educação**. São Paulo: Segmento, n. 4, 2006.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**. Tradução Luiz Fernando Franco. Campinas: Unicamp, 1990.